

3
Goff 013 24 8c
CONGRESSO COLONIAL NACIONAL

5083
CONFERENCIAS PRELIMINARES

IV ~~Maio 30~~

CRISE AGRICOLA E COMMERCIAL EM ANGOLA

SUAS CAUSAS

O QUE SE TEM FEITO E O QUE URGE FAZER

Conferencia realisada na Sociedade de Geographia,
em a noite de 1 de maio de 1901

POR

SOUSA LARA



R.30.854

1901

Agradeço a v. ex.^a, sr. presidente, as palavras elogiosas e immerecidas que me dirigiu, e ao respeitavel auditorio a tambem immerecida salva de palmas com que me saudou.

Venho aqui, como v. ex.^a muito bem disse, não para fazer um discurso burilado, mas para concorrer com o meu limitado e modesto prestimo para a confecção da gigantesca obra que esta Sociedade tomou a peito; e, assim como aos mais collosaes monumentos é indispensavel o concurso do modesto obreiro, eu, n'esta sessão, venho trazer o pobre material que ha de concorrer para levar a bom fim essa grandiosa obra a que a Sociedade de Geographia de Lisboa deu o nome de Congresso Colonial Nacional.

E, como em 60 minutos — nem em 60 sessões — se não póde desenvolver a vasta materia de que pretendo tratar, eu terei de concretisar o que venho referir.

Legaram-nos os nossos antepassados esse collosso a que se chama Africa; e, sobre as glórias que tambem elles nos legaram, descancámos longo tempo.

Um dia, porém, acordámos estremunhados e por toda a parte vimos vultos estranhos que invadiam o nosso patrimonio.

Recebêmol-os com a gentileza fidalga que nos é propria, abrímos-lhes de par em par as portas, e «elles», querendo corresponder á generosidade com que os recebêmos, convidaram-nos para um funebre festim e decidiram da sorte do nosso patrimonio!...

Foi ahi por 1885 que tal sorte se decretou.

Então, por uma benevolencia mais devida aos esforços dos delegados da querida patria do que a quererem reconhecer-nos direitos que allegavamos, deixaram-nos ainda um enorme dominio no continente africano.

Mas, ao deixarem-nol-o, impuzeram-nos condições.

Tendo-nos amputado do maior tronco que possuíamos — a provincia de Angola, — o melhor, indicaram-nos tambem o cauterio a applicar para evitar que o tronco gangrenasse. Nós, compromettêmos-nos a fazer essa applicação, e «elles», como clinicos experimentados, teem-nos acompanhado, para verificar se curamos ou não o doente; mas parece que a cura não marcha com a desejada brevidade, porque «elles» começam a inquietar-se e a preparar amputação mais radical...

Será doloroso, — concordo, ouvir fazer de nós tão triste juizo; mas peor é não o trazer a publico. Antes reconhecer nossa incuria do que allegar serviços que não passam de platonicos.

Desde 1885 que a nossa sorte ficou, pois, talhada.

Parecia que não devíamos soffrer maior provação do que aquella porque então passámos; mas, cinco annos apenas eram passados, quando outra amputação nos foi feita, d'esta vez na provincia de Moçambique!

Estamos, portanto, reduzidos ao tronco, porque os dois braços estão amputados!

Dizem de toda a parte os estranhos, que o estado morbido do tronco é contagioso e que, se o mal ha de contaminar os corpos visinhos, como medida preventiva, aconselham já a sua expropriação por utilidade publica.

Quem fala assim é Cecil Rhodes, no jornal *Johannesburg Times*, cujo trecho vou ler:

«E' inegavel que Portugal é um estorvo e um incommodo para os outros membros da familia africana.

Até quando será permittido a esse «doente» continuar em contacto com os visinhos?

A nação portugueza soffre de uma ataxia, e o mal faz taes progressos que deve, inevitavelmente, acabar pela paralyisia completa.

A expropriação de Portugal impõe-se, pois, como medida de utilidade publica.»

Se isto não nos deve trazer abatimento nem desalento, deve, contudo, servir-nos de estimulo, para, por esforço commum e sincera vontade, podermos dar um desmentido solemne a quem a tal se aventura.

Essa união de forças ainda se não tinha conseguido até agora; mas é de crer que parta d'aqui, d'esta sociedade douta, do Congresso Colonial, em fim.

A fórma porque até aqui temos procedido, parece que não corresponde aos desejos d'aquelles que nos impuzeram a obrigação de «andar».

De facto, quando foi do tal lugubre festim em que a nossa sorte ficou talhada, impoz-se a todos o dever de caminhar de pressa até ás fronteiras que para cada qual se talhou.

Todos caminharam, todos chegaram... e nós ficámos onde estávamos, apezar de serem «elles» os que esperavam que

fossemos nós os primeiros a chegar, conhecedores do caminho que ha cinco seculos desvendámos.

E tanto teem esperado, e tanto esperaram sem encontrar quem os receba, que, por fim, e para verem se nos encontram, vêm avançando, sem obstaculos que impeçam a sua marcha, não havendo duvida de que tratarão de avançar ainda...

As fronteiras do nosso continente africano, decretadas por nós apenas na carta, nenhum valor teem, por que as fronteiras, agora, são do primeiro que chega e affirma seus direitos por actos de posse.

Ouve-se, de vez em quando, ou lê-se, de tempos a tempos, que um soba fez acto de vassalagem á auctoridade portugueza, ou foi baptisado com qualquer nome pomposo; mas a isto limitamos a nossa acção nos territorios que nos deixaram!

Com tal procedimento, não será de extranhar que tenhamos de assistir a nova decepção...

Entretanto, as forças que em vão se manifestaram até 1885 para pedirem aos poderes publicos a occupação do Congo, que então ninguem nos contestava, não se exauriram, por certo, de todo; e os homens que então assistiram a essa época tenebrosa do nosso passado, e que ainda vivem, não permitirão, ajudados pela geração de agora, que o paiz passe por novo vexame, por que, antes d'elle passar por isso, quem a tal tivesse dado causa lhe soffreria as consequencias.

Assim succederia porque a opinião publica, a respeito das colonias, não é hoje o que foi: já vae começando a comprehender que nós perderemos o direito á existencia como nação livre e independente, se perdermos o nosso patrimonio colonial.

Ora, pelo que eu tenho visto, e decerto v. ex.^{as} já sabiam, vê-se que nós pouco fizemos em cinco seculos, e tendo-nos sido traçado por extranhos o dever de produzir depressa, ha 15 ou 16 annos, tambem não cumprimos aquillo a que nos obrigámos.

Não é por culpa da iniciativa particular que assim tem succedido, mas por falta do auxilio official.

Com esse ninguem conte!

Ha uma classe que trabalha; mas essa classe é exactamente aquella para com a qual ha mais desconfiança nas estações officiaes.

Raro é, de facto, que, ao transpôr-se a porta da secretaria de um ministerio, se seja recebido e olhado com a deferencia que seria justo e licito esperar para quem nada vae pedir. Em regra, as attenções são todas reservadas para os que mais pedem!...

Que me lembre, nunca pedi qualquer coisa a um ministro de estado. Nunca requeri uma concessão.

Que me lembre, tenho por varias vezes proposto e offerecido o meu contingente de trabalho desinteressado...

Ninguem acredita!

— Trabalho desinteressado?! Vocês?... Bate aqui alguém que não traga interesse?!...

Eis a resposta!

Effectivamente, o meio em que vivemos é de molde a que os poderes publicos estejam sempre de prevenção; mas, se ha quem os procure, com vistas fraudulentas, para negocios e assumptos que melindram a sua reserva, na alta posição em que se encontram, tambem ha quem tem o direito de ser recebido e ouvido sem receio de levar ali a deshonra ou enfermidade contagiosa.

De fórma que o contacto com as altas regiões officiaes torna-se difficil, e resta o recurso de vir cá para fóra desabafar.

E assim é que eu, perante este auditorio, me penitencio de ter por vezes desabafado!...

N'esse desabafo não vae, porém, a intenção de melindrar, mas sim a de, pelos meios ao meu alcance, chamar a attenção d'aquelles que a não querem prestar aos assumptos que mais nos agitam.

De sorte que a missão dos governos devia ser outra que não é; mas o tempo não lhes sobra para attender ás coisas mais vitaes do estado, e eu quizera agora que nascesse d'este movimento sobre colonias, o patriotico impulso que é de esperar e tão necessario se torna.

Nunca se viu tão grande e completa união de forças, caminhando todas para o mesmo fim, á voz do congresso colonial, e é justo que todos dêmos por bem empregado o contingente de apoio que lhe prestamos, contingente embora modesto com que cada um possa concorrer.

Temos actualmente assumptos muito importantes e graves a tratar, e de urgente resolução.

A missão d'este congresso ha de ser conhecida mais tarde. Isto é o inicio dos seus trabalhos.

E' claro que do conjunto d'esses trabalhos ha de aproveitar-se muita coisa boa para se definir a orientação que ao paiz convém seguir e a opinião publica deve impulsionar.

Para nós, a questão mais vital é a crise commercial que assoberba a provincia de Angola.

E' d'ella que resulta o mal estar dos negocios industriaes da metropole que mais estreitas ligações têm com aquella colonia.

A origem d'essa crise é a que foi já, muitas vezes, e ha de ainda repetir-se: a dependencia em que estamos do commercio com o indigena.

Não temos productos de exportação que não derivem do indigena, e das estatisticas officiaes resulta que só tres partes das cem que veem de Africa, são produzidas pelo colono branco, sendo setenta e cinco partes constituídas pela borracha, que vem das fronteiras, onde d'aqui a pouco se estabe-

lecerão mercados visinhos em terras de estranhos, muito mais commodos para os intermediarios que fazem esse negocio com o litoral portuguez.

Assim será realmente, porque elles fazem agora uma viagem annual de 700 a 1:200 kilometros, e dentro em pouco terão, a menos de 50 kilometros, quem lhes offereça mais do que nós, podendo então fazer duas ou tres viagens por anno.

Ora justo é que para Angola peçamos immediatas providencias e ellas devem consistir em estabelecer communicações, por meio de vias ferreas, não por causa da borracha, que n'um dia poderia ser transportada toda quanto tem vindo n'um anno, mas sim para mostrar que somos capazes de produzir em Angola o mesmo que temos produzido n'outras colonias, onde não lutamos com as difficuldades dos transportes.

O que seria a cultura do algodão, e a do trigo, no planalto de Benguella, se os podessemos transportar para o litoral!...

Os homens que fizeram S. Thomé são portuguezes como nós. Farão o mesmo em Angola, logo que lhes dermos os necessarios meios de acção; mas é preciso ponderar que em S. Thomé não ha mais de 12 kilometros de caminho até á costa, e que em Angola não ha menos de 200 kilometros de percurso antes de se chegar á zona temperada e colonisavel.

E' claro, pois, que se não póde ali fazer o mesmo que em S. Thomé, emquanto não tivermos a unica cousa da qual depende a colonisação.

Se, porém, melhorarmos as condições, poderemos desviar para ali a corrente de emigração que se dirige para as ilhas Sandiwchs e para a America.

O que será, pois, aquelle rico manancial se para ali enviarmos alguns milhares de colonos por anno?!...

Mas todos esses elementos, tanto o da fertilidade do solo como o da benignidade do clima, não existem para nós!... tal é o pouco apreço em que os poderes os tem, parecendo ser alheitados d'elles.

Conhecem-nos mais os estranhos, cobiçam-nos para si, e deploram a nossa inercia.

E é contra essa inercia que precisamos reagir.

Da nossa incuria resultou a enorme perda do Congo, que os belgas aproveitaram, utilizando com afan as suas grandes riquezas.

Para amostra, bastará dizer que, só no ultimo anno, d'ali foram exportadas 5:000 toneladas de borracha e cerca de 300 toneladas de marfim, no valor de dez mil contos, emquanto que de Angola, nem seis mil contos exportámos.

E os belgas não descançam... Conhecem muito bem o que nós temos perto das suas fronteiras, e tratam de, pelos rios, lá chegar, porque o que alli temos, — dizem elles, — «ainda é digno de cobiça» e para nós de nada serve.

Não desistirão, pois, do seu intento, e é certo que trabalham com vigor para açambarcar o commercio que se faz nos nossos territorios fronteiriços, e não teremos meios de oppôr a isso, se não marcharmos com celeridade ao encontro d'elles.

Mas, pelos meios de que ordinariamente usamos, é impossivel marchar... rapido.

Nós já temos um expresso que nos leva ao Porto em 6 horas e em breve é possivel que lá se vá em 4; mas, assim como as machinas antigas foram substituidas pelas modernas, de maior velocidade, assim é preciso que a machina governativa acelere a sua marcha.

Para que serve a communicação telegraphica para Angola em alguns minutos; para que serve a navegação a vapor em carreiras ameudadas, podendo-se fazer em 12 dias, se não tivermos alli um trafico commercial de centenas de milhares de toneladas de productos que vigorosa colonisação nos póde fornecer?!

Para que serve tudo isso, se não criarmos alli um mercado para as crescentes manufacturas da metropole, e um campo de acção para milhares de braços que aqui abundam sem util aproveitamento?

Porque é enorme já o numero de operarios no nosso paiz!

Contam-se já 80:000, segundo estatisticas, e, dada a habitual tendencia da derivação das aldêas fugindo á miseria para os centros populosos, dentro de alguns annos não teremos que dar-lhes que fazer.

E, se não lhes offerecermos em Africa vasto campo, não na costa, onde encontrarão a morte, mas no vastissimo planalto, então a ruina será certa para o nosso commercio e para a nossa industria que têm os olhos fitos n'aquella colonia.

Envidemos, pois, os nossos esforços perante os poderes publicos para que, dentro em pouco tempo, se conclua uma linha ferrea de penetração até ao planalto de Benguella.

Já ha pouco uma commissão de interessados indicou ao governo tudo quanto era possivel fazer-se para se chegar a este resultado; apresentou alvitres, e offereceu receitas. O governo aproveitou na occasião de ambas as cousas, mas, depois... ficou com a receita e repelliu os alvitres!... mandando passear quem lhe deu a ideia e offereceu expontaneos recursos. Da receita ignora-se a applicação. Tambem foi recentemente indicado ao governo a necessidade de se construir aquelle caminho de ferro, não sob a direcção directa do estado, porque, assim, nunca se concluiria, mas sob a direcção de um conselho de administração em que se inoculem processos novos, que só pódem encontrar-se em elementos differentes d'aquelles que têm a seu cargo a missão de actualmente dirigir a construcção do projectado caminho de ferro de Benguella.

Com isto não quero dirigir injurias aos vogaes que com-

põem o conselho de administração do caminho de ferro de Benguella; mas estou convencido de que entre elles alguns ha que, se pudessem, confessariam que o caminho de ferro, dirigido por uma commissão onde estivessem tambem elementos mais praticos, e preponderantes, havia de chegar ao seu termo mais rapidamente do que chegará, parece-me, dirigido só pelo estado...

Temos uma missão ainda muito importante em Africa.

Segundo este mappa que aqui tenho, chamado «a partilha d'Africa», collocam-nos no quinto logar das nações que tem terras em Africa.

Será isto exacto?

Se o não é ainda, «elles» procurarão fazer com que o seja, de amputação em amputação.

A razão principal da crise commercial em Angola é a falta actual do producto que entra no commercio na rasão de 75 % — a borracha.

E porque não vem esse artigo? Porque o indigena tem as suas necessidades limitadas; está habituado a receber ha dois annos mais do dobro do que hoje se lhe póde dar, e, quando voltou, ha mezes, a Benguella e encontrou um pagamento de menos de metade, regressou ás suas terras dizendo que os brancos já estão pobres; que se lhes acabaram as fazendas.

Dois factores influem para se lhes dar hoje menos de metade das mercadorias que antes recebiam: um, a baixa no preço do producto na Europa; outro, a alta de preço do alcool em Angola.

De facto, o indigena recebia ha dois annos, trez cargas de mercadorias, por 15 kilogrammas de borracha, no valor de 35\$000.

O valor da tal carga de borracha era assim paga: 1 barril d'aguardente por 4\$000 réis; polvora, armas e fazendas, 31\$000 réis; e hoje não se lhe pode dar mais do que o valor de 16\$000 réis por cada carga, sendo o pagamento effectuado assim: 1 barril d'aguardente por 8\$000 réis; fazendas, etc. 8\$000 réis. Como não prescindem do alcool, que elles consideram artigo de luxo, é este de primeira necessidade para o commercio africano. Como custa hoje o dobro do que custava no anno passado, pouco valor lhes sobra da sua carga de borracha, e, portanto, pouco mais coisas compram.

D'ahi o grande «stock» de fazendas que se encontra nas alfandegas em Africa e a causa tambem da crise da industria algodoeira no nosso paiz. Só em 1900, a quantidade de borracha exportada por Angola representa um deficit de 3810 contos comparada com a que saiu em 1898! Foram menos 3810 contos de mercadorias que se permutaram.

Não posso accusar quem cumpre a lei, quando manda que se cobre 149 réis por litro de alcool, e, portanto, o que me resta é lastimar que se aceitasse essa proposta ruinosa derivada do acto de Bruxellas.

Houve uma conferencia em Bruxellas...

É sempre assim!... Sempre que sômos convidados para uma conferencia, nunca de lá trazemos qualquer coisa! Sempre lá deixamos.

Ora, os nossos amigos, de vez em quando, convidam-nos para uma conferencia... Lá vamos, mas nunca fômos capazes de trazer de lá alguma coisa!...

D'esta vez démos-lhes a industria do alcool em Angola!

Esta industria prosperava, devido ás medidas que quem preside esta assembléa, o sr. conselheiro Ferreira do Amaral, tinha promulgado em 1892; mas os governos tanto fizeram que, se a não aniquilaram logo, tomaram pouco depois taes compromissos com estranhos, que deram cabo da unica agricultura n'aquella provincia.

Quem ouve falar da industria do alcool em Angola e não conhece o assumpto imagina que toda a perda se reduz a algumas canecas de aguardente, que nada valem, por as terras serem ali de graça ..

Pois são 5.000 contos que estão empregados n'essa industria!

Os belgas não podiam fazer-nos concorrência n'essa industria e por isso trataram de a aniquilar.

Foi-lhes facil...

Uma conferencia!...

E assim foi. Um convite de Bruxellas,... uma conferencia... e lá ficou a industria!...

Cinco mil contos!... Parece um sonho que isto seja verdade; mas é a negra realidade.

Só uma propriedade valia para cima de 1.200 contos e chegou a dar 100 contos por anno. Pois não admirará se dentro de um anno essa fazenda estiver empenhada! Proprietarios ha que já teem entregado as chaves dos seus depositos ao fisco; e outros teem cortado a canna e mandado queimal-a, por não se conformarem com a sua desesperada situação!

Tudo isto é deploravel!

Vae em 29 annos que assisto, meus senhores, á marcha dos negocios coloniaes. Tenho soffrido enormes desenganos!

Cada vez que vejo um homem novo subir ao poder, renasce-me a esperanza e digo de mim para mim, ao vel-o começar a sua carreira por algum acto de energia:

— E' agora!... Cá está o homem!...

Mas... quanto maiores são as esperanças, maior é tambem o desengano!...

Chega a tal ponto o meu desespero que ás vezes sinto até impetos de aconselhar a rebellião e, se o não faço, é porque uma só voz ficaria perdida.

Ha annos não admittia eu a possibilidade de que filhos do continente podessem contribuir para a emancipação das colonias; não teria hoje a menor duvida em concorrer para ella.

Tal é o desprendimento dos poderes publicos para com os clamores que d'ellas veem.

Quem tem os seus haveres em Africa está sempre pobre. Vem um momento de alento para no dia seguinte passar a viver dias e noites de angustia, de fôrma que esta situação entibia os mais energicos e, se não houver um esforço commum por parte dos que se interessam pelas coisas coloniaes, estamos condemnados a abandonar esse pedaço da patria que eu tanto idolatro.

Naturalmente, terei quem me siga, porque não sei que affecto mereça quem tanto abandona os nossos dedicados esforços.

Tenho enorme pezar em declarar isto n'uma sessão publica, em que talvez mais conveniente fosse fazer reservas; mas eu não me comprometti a guardar os meus sentimentos e entendo que se deve falar sinceramente, para vêr se é possível remedio para os males que nos affligem, empregando-se, emfim, esforços para levantar do abatimento em que jaz a nossa provincia de Angola, a mais rica que possuímos!

Eu quizera que todos os que se sentem com forças para collaborar n'este objectivo se puzessem ao dispôr dos que pudessem fazer bom uso d'essas forças.

Disse ha pouco uma associação, de que tenho a honra de fazer parte, que a machina ultramarina precisava ser modificada.

Eu entendo que, realmente, o grande defeito vem do mau funcionamento da machina chamada ministerio da marinha; e, se é possível remodelar aquella engrenagem com processos á moderna, eu quizera que d'aqui sahisses os alvitres para essa remodelação.

Não me compete a mim a apresentação d'esses alvitres, e só digo que, se os poderes publicos continuarem a considerar as questões coloniaes pelo prisma porque as teem considerado, talvez a sorte que nos espera não seja gloriosa, principalmente para quem, como nós, tão glorioso passado tivémos!

Ha dias que, n'um «memorial» dirigido pelo Centro Colonial a s. ex.^a o sr. ministro da marinha, se disse:

— Nós temos que caminhar depressa e, ou havemos de avançar rapidos, ou teremos de nos desviar, para deixar passar os que querem passar e teem direito a isso.

O systema do «ramerrão» é como o dos *tramways*: está banido para os grandes trajectos!

Eram estas as conclusões d'esse «memorial»:

1.^o Que seja construido, por conta do estado, o caminho de ferro de Benguella á fronteira.

2.^o Que essa construcção seja adjudicada a uma empresa, que se obrigue a entregar a linha dentro do praso maximo de dez annos.

3.^o Que para o pagamento da construcção, o estado emitta titulos coloniaes, com juro e amortisação, garantidos pela

propria linha, receitas do alcool, e da alfandega de Benguella.

4.º Que, para maior segurança, por parte dos portadores dos titulos, se constitua um conselho dos caminhos de ferro d'Angola, em que os interessados fiquem representados.

5.º Que, em quanto o governo não chega a accordo com a Companhia d'Ambaca, mande proceder á construcção de uma estrada carreteira, que nos aproxime, quanto antes, dos centros mais ricos, tanto nossos como dos vizinhos.

6.º Que a tensa crise commercial, e a do alcool em Angola, e a das industrias na metropole, não admittem hesitações nem delongas na concepção de um plano que se coadune com a opinião, e acalme a excitação, que lavra fundo no espirito dos que tem tudo quanto é seu e alheio á beira do precipicio.

Escreveu-se isto, e tudo isto se póde sustentar, que é realisavel.

A estrada carreteira seria de enormes vantagens para o commercio, porque, assim, do «terminus» da linha de Ambaca ao Cassae é bem mais facil e mais perto, que o percurso pelo Zaire, e nos poriamos em communicação com os mais ricos centros de borracha, do Congo belga, podendo transportal-a até Loanda parte do preço que custa via Congo. Seria até provavel que parte do movimento actual via Congo preferisse o trajecto via Loanda-Ambaca.

Sem a estrada carreteira, porém, é isso impossivel, porque impraticavel se torna o transporte ás costas dos negros. Com a estrada carreteira, operar-se-ia uma rapida melhoria para o commercio dos districtos de Loanda e Lunda.

Ha ainda a notar que já em Angola se vae experimentar o systema de locomotivas-carreteiras, por conta de particulares, que muito bom serviço prestarão, se o governo preparar as estradas.

Continuemos com a nossa costumada imprevidencia, não se faça nada e, depois... lá está Cecil Rhodes com os seus conselhos! .. e prognosticos.

E' o que eu já li, o «aviso», que nos manda aquelle nosso «melhor amigo»!...

Eu sou um fanatico pelas coisas africanas, porque fui para lá na idade em que se concebem todos os planos, mais ou menos phantasistas; tenho passado nas colonias o melhor da minha vida; por lá tenho o melhor das minhas economias...

E', pois, desculpavel que fale ou escreva a respeito das colonias, sempre com amor e paixão, principalmente quando se trata d'aquellas em que tenho á beira do abysmo, o pouco que possuo.

Eu considero Angola irremediavelmente perdida... para nós.

A unica provincia ultramarina que não podemos perder é a de S. Thomé e Príncipe, que está isenta de concorrentes.

Tambem tem ambiciosos; mas é difficil expropriar a porque tem por fronteiras o Atlantico.

O mesmo não acontece a Angola.

Nós nada temos em Benguella, esse districto uberrimo; mas, em compensação, a Companhia de Mossamedes, possuidora de quasi todo este districto, lá vae já com o seu caminho de ferro da Bahia dos Tigres, pondo-se dentro em pouco ao serviço da colonia allemã pelo sul, ao passo que pelo norte está o Estado do Congo... Quer dizer que por todos os lados aquella provincia está assediada.

No litoral, estavamos limitados ao fabrico do alcool, que se acha condemnado...

O commercio do sertão, que é a borracha, deve ser em pouco tempo açambarcado pelo nossos vizinhos, de sorte que os commerciantes que tinham a sua principal acção no litoral, dentro em pouco, tambem hão de desenganar-se de que nada mais teem ali que fazer, e transportarão os seus haveres para as colonias vizinhas, onde irão installar-se, porque o commercio não tem patria.

E o agricultor, que nada poderá fazer, abandonará as terras.

O indigena prefere-nos, é verdade; mas essa preferencia durará somente em quanto não tiver quem lhe dê mais pelos seus productos. E quem mais lhe pode dar é quem mais barato puder transportar os effeitos do negocio desde o litoral aos sertões de permuta e vice-versa.

Assim, o commerciante d'Angola tem o seu caminho indicado: é ir para quem lhe offerecer maiores commodidades, barateza e segurança, e estas encontra-as-ha mais promptas na casa dos vizinhos que na nossa.

Para que se não dê esta contingencia, eu faço votos para que se levante a opinião publica, e convença os dirigentes da conveniencia da construcção da linha ferrea de Benguella ao planalto; e ainda para que se providencie sobre a questão do assucar produzido em Africa.

Como é sabido, a lei determina a redução de 50 % nos direitos de importação do assucar proveniente das colonias, mas tal beneficio pautal só vigora por mais oito annos.

Ora, em primeiro lugar, só para montar regularmente essa industria em Africa se gastariam cinco annos, de fórma que só por tres não valia a pena aventurar capitaes; em segundo lugar, ainda que o differencial venha a ser decretado por vinte annos, não haveria possibilidade de contar com capitaes portuguezes porque, infelizmente, é impossivel confiar no nosso paiz com a orientação dos poderes publicos, quando estes só tenham a tratar com interesses dos nacionaes!...

Seria preciso associar capitaes estrangeiros, porque, então, sim!...

Tratando-se de nacionaes, não sei se algum de V. Ex.^{as} já observou que contracto, feito n'um dia, não tem cumprimento.

mento no outro; mas, quando se trata de estrangeiros, vem a nota diplomatica... e tudo se cumpre e regula e quasi sempre tanto em segredo que ficamos ignorando quanto nos custa a falta de firmeza nos contractos.

Ainda ha pouco houve um exemplo:

V. ex.^a, sr. presidente, decretou que em Angola a plantaçao da canna fosse protegida; sob a protecção de uma lei, grandes capitaes se empregaram, mas, seis annos depois, foi annullada essa protecção! e decretada a ruina dos que confiaram na lei. Se os 5:000 contos que estão em risco na cultura da canna em Angola fossem estrangeiros, não custaria barato ao paiz um tal attentado.

Em conclusão, meus senhores:

O que é preciso é unir forças para vêr se o governo se convince da necessidade de proceder de fórma que as nossas colonias sejam tratadas como as melhores das nossas filhas, d'onde temos a esperar a maior garantia da nossa propria existencia; e eu faço votos para que todos nos compenetremos de que este deve ser o nosso dogma e o nosso «Credo», que aos nossos filhos devemos ensinar com o «Credo» christão, para que elles possam dizer ás gerações futuras que, se seus paes mais não fizeram, foi porque mais não puderam.

Tenho confiança em que as novas gerações hão de produzir mais e melhor do que nós!... se, como nos cumpre, lhes legarmos o exemplo do nosso acrisolado amor por essas soberbas parcellas da nossa amada patria, essa bella Africa!

SC
5083113

Page 15

v.

